

AS EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS DE IDOSOS DA ZONA RURAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

Camille Auatt da Silva (1); Gerson Tavares do Carmo (2)

¹Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF – camilleauatt@yahoo.com

²Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF – gtavares33@gmail.com

Introdução

Diferente do passado, envelhecer não é mais privilégio de poucos. A expectativa de vida tem aumentado tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento como o Brasil.

Uma pesquisa de projeção populacional realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE sobre os prospectivos do Brasil entre 1991-2000, ressaltou que após a realização do Censo Demográfico de 1991 ficou comprovado o início do processo de transformação etária da população, fenômeno que as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios – PNADs realizadas anteriormente já alertavam (IBGE, 2006). A mesma pesquisa projetou que a esperança de vida ao nascer no ano de 2030 seria de 74,92 anos para os homens e 81,90 anos para as mulheres, algo inimaginável há anos atrás onde a expectativa de vida em 1940, por exemplo, era de 42,7 anos. Projeções populacionais mais recentes que têm como base o último Censo já apontam que o número de idosos no país deve chegar a 58,4 milhões no ano de 2060 (IBGE, 2010). Esta mudança no perfil etário populacional no país e no mundo está diretamente ligada à baixa taxa de natalidade e principalmente a baixa taxa de mortalidade propiciada pelo avanço da medicina, a melhoria do saneamento básico e conseqüentemente condição de vida.

A questão do envelhecimento populacional reflete em toda a estrutura da sociedade, pois a mesma precisa estar preparada para receber essa “nova população”. Segundo o documento *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* produzido pela Organização Mundial de Saúde, “o envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade e também um dos nossos grandes desafios” (OMS, p.8, 2005). Com o número de idosos crescendo cada vez mais rápido e o perfil deles mudando, sendo mais ativos muito tem que ser repensado, pois o idoso precisa ser inserido socialmente. Discute-se aqui sobre o sistema de saúde, a família, a infraestrutura das cidades e principalmente no que diz respeito ao campo educacional.

O pertencente da chamada “melhor idade” tem muitos anseios e uma parcela dessa população decide por voltar para a escola. De acordo com a PNAD realizada em 2012, o número de analfabetos no Brasil por idade é maior na faixa etária dos 60 anos ou mais, seguido pelo grupo dos que tem entre 40 e 59 anos (PNAD, 2012). Esses dados podem ser interpretados como reflexo do passado, estes idosos hoje analfabetos foram as crianças que não conseguiram frequentar o ensino regular no período adequado por motivos diversos.

Dessa forma, a maneira como o idoso se relaciona com a educação formal e as experiências educacionais vividas por aqueles que já têm acumulado grande experiência de vida precisa ser amplamente discutido e pesquisado. A instituição escolar para essa parcela cada vez mais expressiva da população tem um significado diferenciado, bem como sua forma de aprender, o que resulta em experiências educacionais variadas, visto que a velhice chega para cada pessoa de forma diferente. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo pesquisar as experiências educacionais de sete idosos que frequentam uma turma multisseriada da Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública municipal da zona rural de Campos dos Goytacazes – RJ.

Metodologia

A pesquisa será qualitativa, porém não será isento o enfoque quantitativo. Demo (2001) explica que “toda realidade social é, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa, não cabendo qualquer dicotomia” (Demo, 2001). De acordo com Kauark, Manhães e Souza (2010),

a pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa” (KAUARK; MANHÃES; SOUZA, 2010, p.26).

Principalmente quando se trata de pesquisas relacionadas à educação, nas quais o sujeito, suas relações e os fenômenos em torno dele são o foco, faz-se necessário descrever o observado, interpretar por meio de palavras cada dado obtido.

Para o suporte teórico, uma revisão bibliográfica sobre o tema já tem sido realizada e no que se refere à parte prática da pesquisa, observações diretas do cotidiano escolar dos sujeitos foram realizadas. Nesse segundo momento, pretende-se realizar entrevistas individuais utilizando o método da conversa. De acordo com Menegon (2004) “Conversar é uma das maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que se estabelecem no cotidiano”. Ainda de acordo com a autora “(...) dependendo da informalidade da conversa, os participantes desvinculam-se de linguagens ligadas a estratos sociais específicos” (MENEGON, 2004, p.216,

p.223). A justificativa da escolha por essa metodologia é que por se tratarem de idosos, muitas memórias e histórias das suas experiências educacionais poderão ser contadas sem muitas interrupções ou perguntas diretas, resultando em um material rico para ser analisado.

Ao fim das entrevistas realizadas, estas serão transcritas e analisadas por meio do método de análise do conteúdo. Segundo Bardin (2011)

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2011, p.37)

Utilizar a análise de conteúdos é investigar a partir do material escrito/transcrito que se tem em mãos. A proposta é fazer inferências e compreender o pensamento do entrevistado por meio do conteúdo expresso no texto.

Resultados e Discussões

A pesquisa está sendo realizada em uma escola pública municipal localizada na zona rural de Campos dos Goytacazes – RJ. Funcionando em tempo integral, com turnos diurnos, vespertinos e noturnos, a Escola Municipal Getúlio Vargas apresenta boa infraestrutura, considerando que foi reformada recentemente. Tanto pela manhã como à tarde, a escola oferece desde a educação infantil até o 5ª ano do Ensino Fundamental. Já no turno da noite é oferecido somente a modalidade EJA de ensino. São três turmas de Educação para Jovens e Adultos, divididas por fases, porém todas multisseriadas. É importante destacar que tal realidade é muito comum devido a falta de professores na rede.

A turma pesquisada tem um total de 12 alunos e é composta em sua maioria por idosos, são 2 mulheres e 5 homens com idades que variam entre 60 e 80 anos. A composição da turma determinou sua escolha. Nela há alunos matriculados da Fase I a Fase IV, bem como alunos que já deveriam estar em turma mais avançada, como Dona Sônia, Seu Antunes, Dona Alba e Seu Nilo. Esses quatro idosos já sabem ler, escrever e fazer operações matemáticas como subtração, soma e multiplicação, portanto não deveriam mais compor a turma. Mesmo já tendo sido aprovados para a próxima fase há alguns semestres, eles preferem frequentar essa turma em específico porque as outras têm somente adolescentes. Eles alegam que os adolescentes “gritam muito e fazem muita bagunça”, o que atrapalha a concentração e desestimula a estudar e até frequentar.

Frente essa diversidade em sala, a professora passa atividades variadas, metade do quadro é para eles e a outra metade para o restante da turma que ainda tem dificuldade principalmente na leitura e escrita, como Seu João, Seu Antenor e Seu Salomão. Apesar dessa diferença no nível de conhecimento formal, a turma é bastante unida e ajuda muito um ao outro, o que é excelente para a aprendizagem. Vygotsky (1998) em suas pesquisas já enfatizava a importância dessa proximidade entre os indivíduos com níveis de conhecimento variados. *A Zona de Desenvolvimento Proximal*, segundo o autor,

É a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1998, p.112).

Entre eles não há diferença, pelo contrário, existe um grande incentivo para a frequência e aprendizagem de novo conteúdo.

Por cerca de um mês a rotina escolar desses idosos foi observada. Como a maioria ainda trabalha, eles chegam por volta das 17h30 na instituição e vão ao refeitório jantar, retornando depois para a sala para aguardar o início da aula. A aula começava entre 18h10 e 18h30, dependia do horário de chegada da professora. Uma observação interessante é que eles quase não faltam aula, tendo alguns dias específicos para faltar. Como Seu Salomão, que faltava toda quinta-feira, pois era dia de ir à igreja. Dona Sandra, por sua vez, faltava as terças pelo mesmo motivo ou então quando estava frio por conta de sua saúde. Seu João, em outra partida, no período em que estive em sala nunca faltou. Mesmo algumas vezes com aparência cansada, pois trabalha na lavoura, permanecia até o final da aula.

A aula durava uma média de 1h30 e 2h, terminando porque a escola não tinha mais aluno, somente eles, então o inspetor vinha na porta avisar. Ao longo desse tempo, a professora passava exercício no quadro ou entregava folha de atividade para otimizar o tempo, já que alguns demoravam um pouco para copiar do quadro. Como já anteriormente citado, sempre dois tipos de exercício eram cobrados, um para uma parte da turma e outro para a outra com maior dificuldade. As disciplinas trabalhadas eram Português, Matemática, Geografia, História e Ciências, sendo Português a que eles apresentavam mais dificuldade e Matemática a de maior facilidade.

Pelo tempo que permaneci em sala, pude conhecer e observar suas experiências educacionais. A grande maioria teve pouco ou nenhum acesso à escola quando criança, como Dona Sandra que só

aprendeu a ler e escrever depois de adulta. Hoje, com 80 anos, se orgulha em dizer que lê toda manhã o jornal que pega na igreja quando vai à missa. Saber ler e escrever é motivo de orgulho para os que já o fazem e meta para aqueles que ainda têm dificuldade. Na verdade, ter uma população que sabe ler e escrever deveria ser uma meta de todos os países, pois

A alfabetização é um direito em si mesma – precisamente porque, sem ela, as pessoas não têm oportunidades iguais na vida [...]. Aqueles que podem utilizar a escrita e a leitura para defender e exercer seus direitos legais têm vantagem significativa em relação àqueles que não podem. Por intermédio da alfabetização, os indivíduos obtêm os meios de participação política na sociedade (RICHMOND; ROBINSON; SACH-ISRAEL, 2009, p. 19-28 *apud* GADOTTI, 2013, p.25).

Ser alfabetizado é ter a possibilidade de participar de forma integral da sociedade, ser um cidadão ativo e ainda é com esse objetivo que muitos idosos procuram a escola. Cansados de viver à margem da sociedade durante toda a vida estes veem nas instituições escolares uma forma de serem (re) integrados socialmente.

Indiscutivelmente com maiores dificuldades de aprendizagem devido ao envelhecimento e todas as mudanças biológicas que acontecem como a visão baixa, memória não mais tão ativa e corpo cansado, esse período de observação me fez concluir que a relação existente entre o idoso e a educação é diferente. Apesar de tudo, a vontade de aprender é maior e sem dúvidas suas experiências educacionais são carregadas de histórias e conquistas pessoais.

Conclusões

Como a pesquisa ainda encontra-se em andamento, não apresenta conclusões. O que pode se dizer é que a primeira etapa da pesquisa, a observação, já aponta que a escola é bastante representativa para o idoso. A escola para o idoso representa o resgate de um direito negado, se visto por uma ótica, mas é também neste espaço que além de aprender o saber formal eles podem estabelecer novas relações sociais, compartilhar aprendizados e se reconhecerem como cidadãos.

Dessa forma, as experiências educacionais estão ligadas ao reconhecimento social. Após anos de aprendizado informal e contato constante com a linguagem falada, esses idosos buscam a realização de um sonho, que pode ser escrever o próprio nome ou o nome dos filhos e netos, fazer parte do grupo da leitura da igreja ou simplesmente ler uma placa na rua... O idoso precisa ser reconhecido em sala e na sociedade como um sujeito em sua singularidade, dotado de especificidades provenientes da faixa etária que se encontra. De acordo com Reis (2009) “Ser reconhecido, ser visto pelo outro é a condição da existência simbólica: “eu só existo se o outro me

reconhece”. E se o outro me reconhece como legítimo, aumentam as minhas chances de fazer parte, de estar junto.” (REIS, 2009 *apud* CARMO; CARMO, 2014).

Proporcionar o sentimento de “fazer parte de” bem como garantir o saber formal a essa parcela tão representativa atualmente na população é dar-lhes o direito do reconhecimento social, do resgate da identidade e auto estima. Estar na escola, conviver com outras pessoas, assim como aprender a ler e escrever, fazer contas e conversar sobre assuntos diversos pode ser um determinante para melhorar a qualidade de vida destes que já chegaram a “melhor idade”. É o “empoderamento” deste sujeito.

Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ed., São Paulo, Edições 70, 2011.

CARMO, C.T; CARMO, G.T. **A permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos**: proposta de categorização discursiva a partir das pesquisas de 1998 a 2012 no Brasil. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, ISSN 1068-2341, v.22, n°63, p.1-45, 2014.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**. Campinas: Papirus, 2001.

ENVELHECIMENTO ATIVO: UMA POLÍTICA DE SAÚDE, (2005). Brasília, BR. Organização Mundial de Saúde. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 30 set. 2016

GADOTTI, Moacir. **A educação de adultos como direito humano**. *Eja em debate*, Florianópolis, Ano 2, n. 2, p.12-29, Jul. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores Sociodemográficos – Prospectivos para o Brasil 1991/2030**. 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/publicacao_UNFPA.pdf> Acesso em: 07 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. 2011. Disponível em: < <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=1866&busca=1&t=primeiros-resultados-definitivos-censo-2010-populacao-brasil-190-755-799-pessoas> > Acesso em: 30 set. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. 2012. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm > Acesso em: 06 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Síntese dos Indicadores 2012**. 2013. Disponível em: < ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2012/Sintese_Indicadores/sintese_pnad2012.pdf > Acesso em: 07 jan. 2015.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; SOUZA, C. H. M. **Metodologia da pesquisa: guia prático.** Itabuna, Via Litterarum, 2010.

MENEGON, V. M. **Por que jogar conversa fora? Pesquisando no cotidiano.** In: SPINK, M. J. **Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas.** 3ª Ed. São Paulo : Cortez, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1998.

